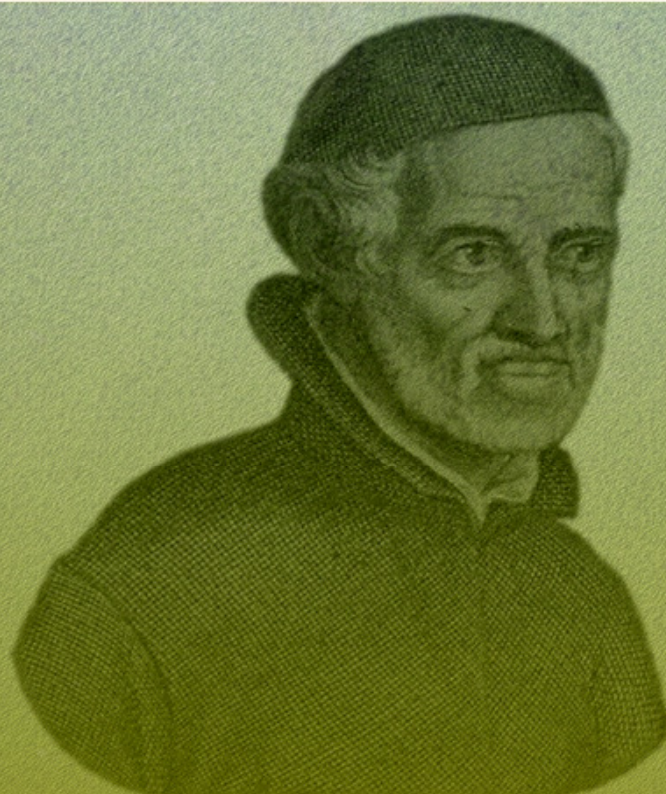


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Padre Antônio Vieira
Maria Rosa Mística
Sermão X



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Padre Antônio Vieira

Maria Rosa Mística - X

**Antônio Vieira
(1608 – 1697)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 788



Poeteiro Editor Digital
PROJETO LIVRO LIVRE
TEXTO E VOZ
São Paulo - 2016
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras em domínio público, como esta, do Padre Antônio Vieira: “*Maria Rosa Mística - Sermão X*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

MARIA ROSA MÍSTICA

SERMÃO X



Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti.

CAPÍTULO 1

As coisas que se guardavam na Arca do Testamento. Se as Tábuas da Lei sempre se guardaram na Arca, o Maná, por que se não guardou sempre nela. A lei escrita, representação e figura do que depois havia de ser. A aparente sem-razão do Testamento Velho. O mistério da Arca declarado por uma mulherzinha do povo. Assunto: o Rosário, para ser bem rezado, não se há de rezar só com a boca, senão com o coração e com as mãos.

Sobre as coisas que se guardavam na Arca do Testamento, quais e quando, há grande questão entre os expositores sagrados. Três, porém, são certas, e de tão oculto mistério como de particular reparo. A primeira é que houve tempo em que na Arca do Testamento só estiveram as Tábuas da Lei, porque assim o diz expressamente o texto, no Terceiro Livro dos Reis: *In arca autem non erat aliud nisi duae tabulae lapideae, quas posuerat Moyses*. – A segunda, que também houve tempo em que esteve na mesma Arca a urna do Maná, porque assim o afirma S. Paulo, na Epístola aos Hebreus: *Arcam testamenti, in qua urna aurea habens manna*. – A terceira, que depois deste tempo a mesma urna do Maná, que estava dentro da Arca, foi colocada fora, mas junto a ela, no *Sancta Sanctorum*, porque assim o tinha mandado Deus, como consta no Livro do Êxodo, e que sempre estivesse em sua presença: *Repone coram Domino*.

Suposta esta verdade da História Sagrada, se passarmos a inquirir a razão e mistério dela, quem haverá que nô-lo diga literalmente? Se as Tábuas da Lei sempre se guardaram na Arca, o maná por que não se guardou sempre nela? E se o maná esteve algum tempo dentro na mesma Arca, por que depois se tirou fora? E se esteve fora, por que não em outro lugar, nem longe, senão junto à mesma Arca? A razão e mistério literal desta tão notável variedade em matéria tão grande sempre esteve oculto até hoje. Hoje, porém, o descobriu e declarou, quem? Na parte que pertence ao maná, uma mulherzinha do povo, que não tinha mais ciência que a sua devoção, dizendo: *Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti* – e na parte que pertence às Tábuas da Lei, o mesmo Autor da Lei e a mesma Sabedoria eterna, respondendo: *Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*.

Para inteligência do que digo, havemos de supor, com S. Paulo, que tudo o que sucedia, pela maior parte, ou se fazia no tempo dos patriarcas e da lei escrita, era representação e figura do que depois havia de ser no tempo da lei da graça: *Haec autem omnia in figura contingebant illis*. Este é o princípio fundamental por que a muitas coisas daquele tempo não achamos a razão de a fazerem, antes parecem feitas contra toda a razão, ainda entre homens santos. E a razão de se lhes não achar razão é porque a razão da figura não está na figura, senão no figurado. Se víssemos que um pintor pintava um Rei pastando entre os animais e comendo feno, e outro com o braço esquerdo muito curto, e o direito muito comprido, parecer-nos-ia isto uma grande impropriedade. Mas se o pintor nos respondesse que no primeiro retratava a Nabucodonosor, e no segundo a Artaxerxes, que pela desigualdade dos braços se chamou Longímanso, acharíamos a razão da pintura, não nos retratos, senão nos retratados. Da mesma maneira em outros casos do Testamento Velho. Que coisa mais fora de razão que levar Jacó o morgado a Esaú, sendo Esaú o primogênito, e Jacó o filho segundo? E que maior sem-razão outra vez, que servir Jacó sete anos por Raquel, e darem-lhe em lugar de Raquel a Lia? Mas, se olharmos para os originais destas mesmas figuras, acharemos neles as razões que nelas de nenhum modo apareciam. Jacó e Lia representavam o povo gentílico, Esaú e Raquel o judaico. E levou Jacó o morgado a Esaú, porque o morgado da fé e da graça, que era do povo judaico que foi o primeiro, se havia de passar ao povo gentílico, que é o segundo. E sendo Jacó figura de Cristo, que serviu pela sua Raquel, que era o povo judaico, como ele mesmo disse: *Non sum missus nisi ad oves, quae perierunt domus Israel* - desposou-se primeiro com Lia, que é o povo gentílico, e depois se há de desposar também com Raquel, que é o povo judaico, porque, como diz S. Paulo: *Donec plenitudo gentium intraret, et sic omnis Israel salvus fieret*.

Ao nosso ponto agora. Estar primeiro o maná dentro da Arca, e depois fora e junto a ela, ninguém houve jamais que desse ou pudesse dar a razão de uma mudança tão notável. Mas, se pusermos os olhos nos originais que estas duas figuras representavam, acharemos a razão tão clara, que uma mulher sem letras a entendeu e publicou ao mundo. A Arca do Testamento era figura da Virgem Maria; o maná, de seu Filho, Cristo: e primeiro esteve o maná dentro na Arca, porque primeiro o concebeu a Virgem, e o trouxe em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit*. – E depois esteve fora, mas não apartado, senão junto à mesma Arca, porque a Senhora o teve depois em seus braços, e o criou a seus peitos: *Et ubera quae suxisti*. – E porque razão as Tábuas da Lei sempre estiveram na Arca, assim quando o maná esteve dentro nela, como quando esteve fora? A razão e o mistério é porque a mesma Virgem Maria, significada na Arca, em todo o tempo de sua vida, ou tendo dentro em si, ou não tendo dentro em si ao Filho de Deus, sempre teve a lei do mesmo Deus dentro em si, e a guardou com a mais pura, com a mais perfeita e com a mais alta observância a

que puderam aspirar, homens nem anjos. E porque esta foi a maior e mais soberana prerrogativa da Virgem, Senhora nossa, por isso acudiu logo seu bendito Filho, declarando que, por ser a mais observante da Lei de Deus, era mais bem-aventurada ainda que por ser Mãe de Deus: *Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.*

Explicado assim o Evangelho, que direi sobre ele quanto à festa? O que determino dizer é que o Rosário, para ser bem rezado, não se há de rezar só com a boca, senão com o coração e com as mãos. O fundamento que para esta doutrina - mui necessária - nos dão as palavras do tema, dirá o, discurso: *Ave Maria.*

CAPÍTULO 2

A amorosa instrução de Deus a sua Mãe e a nossas almas: haveis-me de trazer estampado no coração e estampado no braço. Os dois modos com que a Virgem, Senhora nossa, trouxe a Deus interiormente no coração e nos afetos, e exteriormente nas mãos e nas obras.

Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum: Para me agradares inteiramente, Esposa minha - diz Deus - haveis-me de trazer estampado no coração, e estampado no braço. – Os lugares hão de ser dois, um dentro, outro fora, mas a estampa dentro e fora há de ser uma só, e essa minha. Eu estampado no coração, porque eu hei de ser o sigilo de vossos pensamentos, e eu estampado no braço, porque eu hei de ser o caráter de vossas obras: *In corde sunt cogitationes, in brachio operationes: super cor ergo, et super brachium sponsae dilectus ut signaculum ponitur* - diz S. Gregório Papa. – Mas com quem fala Deus nestas palavras, e a quem dá o seu cuidado esta amorosa instrução? Em primeiro lugar a sua Mãe, em segundo a nossas almas. Antes de ser Mãe de Deus, e depois de ser Mãe de Deus, sempre a Senhora trouxe ao mesmo Deus dentro e fora, no interior e no exterior, no coração e nos braços, mas por diferente modo. Antes de ser Mãe de Deus, porque quanto cuidava e obrava tudo era de Deus, em Deus e por Deus. Os pensamentos e obras do Filho antes de ser Filho, ainda não eram humanas; mas as da Mãe antes de ser Mãe, por imitação do mesmo Filho, já eram divinas: *Super cor Virginis et super brachium dilectus ponitur ut signaculum* - diz Alano - *quia in cogitationibus, quae notantur per cor, et in actionibus, quae per brachium, Virgo Filium imitatur* – E se isto foi antes de ser Mãe de Deus, depois de o ser que seria? Foi o mesmo, mas por modo singularíssimo, nem imaginado antes, nem inimitável depois a nenhuma criatura. Teve a Deus dentro e no coração: *Ut signaculum super cor tuum* - porque o teve em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit* - e teve-o fora e no braço: *Ut signaculum super brachium tuum* - porque o teve em seus braços e a seus peitos: *Et ubera quae suxisti.* – Assim comenta o texto

dos Cânticos, com devota e doura novidade, Cornélio, e o concorda excelentemente com o do nosso Evangelho: *Beata Virgo Christum posuit super cor suum, cum eum novem mensibus in utero portavit; super brachium vero, cum eum jam natum in ulnis et brachiis gestavit.*

Estes foram os dois modos com que a Virgem, Senhora nossa, como exemplar de toda a perfeição imitável, e como exceção de toda a possível, observou aquele oráculo do Espírito Santo, de quem foi a primeira e principal Esposa, trazendo a Deus no coração e no braço, e a Cristo dentro em si e fora, bem assim como a Arca do Testamento a urna do maná. Um modo foi espiritual, outro corporal, e o corporal, com assombro da natureza e da graça, mais divino que o espiritual. Trouxe a Deus corporalmente no coração e no braço: *Super cor et super brachium* - porque corporalmente o concebeu e teve em suas entranhas, e corporalmente o criou a seus peitos e o trouxe em seus braços; e esta é a primeira bem-aventurança da Virgem Maria, singular e unicamente sua, e a nenhuma outra criatura comunicável: *Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti.* – E trouxe a Deus espiritualmente no coração e no braço, porque espiritualmente, em todos seus pensamentos e afetos, e espiritualmente, em todas suas obras e ações, interior e exteriormente trouxe sempre a Deus em si e consigo, e esta é a segunda bem-aventurança na qual, posto que a Senhora foi eminentissimamente superior a todas as almas, é contudo imitável e comunicável a todas, e a que o Senhor preferiu à primeira: *Quinimmo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.* – E como este segundo modo de trazer a Deus interiormente, no coração e nos afetos, e exteriormente, nas mãos e nas obras, é o que todos podemos e devemos imitar, este é o que a Senhora do Rosário propõe hoje, e ensina a todos os seus devotos, exortando-os, com seu exemplo, a que não só tragam o Rosário na boca, senão também no coração e nas mãos: no coração, imitando, do modo que pode ser, o ato de ter Cristo em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit* - e nas mãos, imitando do mesmo modo o ato de o ter nas suas, quando o criou a seus peitos: *Et ubera quae suxisti.*

CAPÍTULO 3

Por que naquela instrução geral às almas devotas não faz Deus menção da boca? Profecia de Davi sobre as línguas enganosas. A visão dos vinte e quatro anciãos do Apocalipse. A oração das mãos no Salmo XLIV de Davi. Razão do nome Pro Rosis, dado pelo profeta a esse salmo. O Rosário, arco com que atiramos às nuvens as setas de nossas orações.

Para prova e entendimento deste ponto, tão importante e essencial à devoção do Rosário, o que noto, e é digno de grande reparo naquela instrução geral do Espírito Santo, é que só pede Deus às almas devotas que o tragam no coração e

nas mãos, e não faz menção da boca: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* – E não diz mais Davi, grande mestre da oração e da devoção? Diz que sempre trazia os louvores de Deus na boca: *Semper laus ejus in ore meo.* – Pois, se Deus deseja, aconselha e pede às almas devotas que o tragam no coração e nas mãos, por que lhes não diz também que o tragam na boca? Porque Deus naquelas palavras - como também a Senhora do Rosário hoje - não exorta a orar, mas ensina como se há de orar. Supõe que se ora e reza com a boca, e acrescenta que há de ser juntamente com o coração e mais com as mãos, porque, se o coração não forma as orações, e as mãos as não informam, se o coração as não forma com os afetos, e as mãos as não informam com as obras, por mais que a boca dê vozes, todas nos ouvidos de Deus são mudas. Assim o profetizou Davi de todas as línguas enganosas: *Muta fiant labia dolosa* - mas, se as línguas enganosas tanto enganam e tanto falam, e são as que mais falam e as melhor ouvidas, quando, ou onde, ou diante de quem se cumpre esta profecia de que serão mudas? As línguas enganosas de que fala o profeta, como depois veremos, são as daqueles cujo coração e cujas mãos não dizem com o que a língua diz; e estas línguas, por mais que falem, e por mais bem faladas que sejam, para com Deus, a quem ninguém engana, são mudas. Só o coração e as mãos são as que dão voz à língua, e língua à oração diante de Deus.

Viu S. João no Apocalipse aqueles vinte e quatro anciãos que assistem ao trono de Deus, e diz que todos tinham nas mãos cítaras e redomas cheias de suavíssimos cheiros, e que deste modo se prostraram diante do Cordeiro, que é Cristo: *Et viginti quatuor seniores ceciderunt coram Agno, habentes singuli citharas et phialas aureas plenas odoramentorum.* – Não sei se reparais nas mãos e nos instrumentos destes músicos do céu, e digo músicos, porque logo acrescenta o evangelista que cantavam uma letra nova: *Et cantabant canticum novum.* – Pois, se eles tinham as cítaras em uma mão, e as redomas na outra: *Habentes citharas et phialas* - como podiam tocar as cítaras? Saibamos primeiro quais eram as redomas, e elas nos soltarão a dificuldade, que não está mal arguida. Ruperto, Beda, Ansberto, Ricardo, Vitorino, Hugo Cardeal, Dionísio Cartusiano, a Glosa, e todos concordemente dizem que as redomas são os corações. E ainda que os corações estejam nas mãos, nem por isso as mãos deixam de tocar as cítaras; antes, quando as mãos e os corações juntamente as tocam, só então são as suas vozes agradáveis a Deus, porque desacompanhadas dos corações e das mãos, nem são agradáveis, nem têm consonância, nem são vozes. Serão vozes para os ouvidos humanos, mas para os divinos não são orações. O mesmo texto o declara admiravelmente: *Habentes citharas et phialas plenas odoramentorum, quae sunt orationes sanctorum* (Apc. 5,8): Tinham - diz - em umas mãos as cítaras e nas outras as redomas cheias dos suaves cheiros, que são as orações dos santos. – De sorte que as orações não estavam nas cítaras, senão nas redomas, porque a oração não consiste no som e nas vozes, senão nos corações e nas mãos em que as redomas estavam.

E, suposto que a réplica do oráculo de Salomão, *Super cor et super brachium* - foi o texto de seu pai, Davi, *Semper laus ejus in ore meo* - diga-nos o mesmo Davi se a sua oração, quando orava, era só de boca, ou de boca, de coração e de mãos. É texto que tem que entender, mas, bem entendido, admirável: *Eructavit cor meum verbum bonum, dico ego opera mea regi. Lingua mea calamus scribae* (Sl. 44,2): Saiu do meu coração com grande ímpeto uma palavra boa: eu digo a Deus as minhas obras; a minha língua é pena de quem escreve. – E que quer tudo isto dizer? Nem mais nem menos o que eu vou dizendo. Primeiramente, a matéria de que fala, e a que chama palavra boa, é o Salmo quarenta e quatro, cujo prólogo ou dedicatória a Deus é este primeiro verso. Diz, pois, Davi que tudo o que representa a Deus naquela sua oração são palavras boas: *Verbum bonum* - e acrescenta que todas lhe saíram do coração: *Eructavit cor meum* - e do coração, não de qualquer modo, fria ou negligentemente, senão com grande ímpeto e afeto, que isso quer dizer *eructavit*. – E já temos que as palavras com que Davi orava a Deus, não só eram de boca, senão de boca e de coração. Mas estas mesmas palavras boas, e saídas do coração quando Davi fala com Deus, não diz que são palavras, senão obras: *Dico ego opera mea regi*. – Pois, se já lhe tinha chamado palavras, como agora lhe chama obras? - Porque a minha língua, diz ele, é pena de quem escreve: *Lingua mea calamus scribae*. – Não se pudera declarar melhor nem mais discretamente. A pena é a língua das mãos, e assim como a língua da boca fala palavras, a língua das mãos fala obras: *Dico ego opera mea*. – De maneira que, ajuntando toda esta sentença, que parecia tão desatada, o que nos ensina Davi, com o exemplo da sua oração, é que quando oramos a Deus não basta que as palavras sejam boas e santas: *Verbum bonum* - nem basta que quando as pronunciamos falemos com Deus: *Dico ego opera mea regi* - mas é necessário que não só saiam da boca, senão do coração: *Eructavit cor meum* - nem só do coração, senão também das mãos: *Lingua mea calamus scribae* - e que o saírem do coração se prove com os afetos: *Eructavit* - e o saírem das mãos se prove com as obras: *Opera mea*.

Este é o modo com que digo, ou nos diz e ensina a Virgem, Senhora nossa, que havemos de rezar o seu Rosário: não com a boca somente, senão com o coração e com as mãos. E para que vejamos que o salmo de Davi, que acabo de explicar, fala com os professores do Rosário própria e nomeadamente, leiamos-lhe o título ou sobrescrito, que é milagroso. O título deste salmo quarenta e quatro, na língua hebraica, em que foi escrito, é *Susanim*, que quer dizer: *Pro rosis*, para as rosas. E que tem este salmo com as rosas, ou as rosas com este salmo? Agora o veremos. Davi, quando compunha os seus salmos, conforme a composição e matéria deles, ordenava juntamente quais eram os instrumentos a que se haviam de cantar. Assim consta do título de muitos outros. E segundo este uso dizem graves expositores, e de grande erudição, como Mariana e Tirino, que a razão de dar Davi tal título a este salmo foi porque o nome do instrumento a que se havia de cantar era derivado de rosas, assim como as contas por onde

rezamos se chamam Rosário. Pode haver maior propriedade? Pois ainda tem outra maior, porque a matéria e assunto de todo o salmo, não alegórica, senão literalmente, como dizem todos os doutores católicos e o confessam os mesmos rabinos, é um epitalâmio ou poema nupcial do futuro rei Messias, que é Cristo, é da Rainha, sua Esposa, que é a Virgem Maria. A primeira parte, que começa: *Speciosus forma prae filiis hominum* - contém os mistérios do Filho Deus feito homem; a segunda, que começa: *Astitit regina a dextris tuis* - contém os mesmos mistérios, em que a Mãe Santíssima lhe foi sempre inseparável companheira, e por isso comuns a ambos. E porque estes mistérios são os mesmos de que se compõe o Rosário, esta foi a razão porque o salmo em que se profetizavam se mandou também cantar profeticamente, não a outro instrumento, senão àquele que se chamava das rosas: *Pro rosis*.

O que agora resta é que todos os devotos do Rosário se conformem com esta profecia em o trazer, não só na boca, senão no coração e nas mãos. A íris, ou arco celeste, com as três cores misteriosas que nele pintam e distinguem os reflexos do sol, já dissemos noutra ocasião que era figura do Rosário; agora nos ensina a Senhora como havemos de usar deste arco, para que as setas de nossas orações rompam as nuvens, penetrem os céus, e firam o coração de Deus. Notou engenhosamente Santo Ambrósio que o arco celeste não foi feito para Deus atirar setas aos homens, porque no tal caso havia de ter as pontas voltadas para o céu; mas tem as pontas voltadas para a terra, porque foi feito para os homens atirarem setas a Deus. Porém, isto não o podiam os homens fazer, nem no primeiro, nem no segundo estado do mundo, porque o arco não tinha corda. E quando a teve? Quando se deu princípio aos mistérios do Rosário no primeiro de todos, que foi a Encarnação do Verbo. As duas pontas do arco eram a divindade e a humanidade, e a união hipostática foi a corda que atou uma ponta com a outra. Armado assim este fortíssimo arco, formado dos mistérios de Cristo, divinos juntamente e humanos, que são os mesmos do Rosário, as setas, que são as orações vocais, como se hão de atirar? Hão-se de atirar como se atiram as setas. As antigas amazonas, cujas armas eram arco e aljava, para poderem atirar mais forte, e mais expeditamente as suas setas, cortavam os peitos direitos. Tanto importa para a força e impulso do tiro que entre o peito e a mão não haja impedimento, mas se ajuntem e unam. Pois, assim como a seta para adquirir violência há de sair da mão e do peito, assim o coração e as mãos são as que dão o impulso às nossas orações, que doutro modo não teriam força. Mas, para que buscamos semelhanças ou exemplos estranhos? O mesmo uso cristão, muito diverso do modo com que oravam os antigos, nos ensina praticamente estes dois preceitos ou segredos da arte de orar. Que fazemos quando oramos, se queremos orar devota e eficazmente? Não levantamos as mãos ao céu? Não as aplicamos ao peito? Não as pomos sobre o coração? E se a dor, ou a necessidade, ou a devoção é muita, não apertamos o mesmo coração com elas? Pois, isto que fazemos no exterior, é o que havemos de obrar interiormente quando oramos, não orando só com a

boca, mas ajudando e acompanhando as nossas orações com o coração e com as mãos, e não só com o coração, ou só com as mãos, senão com o coração e com as mãos juntamente. Com o coração, isto é, *super cor*, e nos afetos, imitando a Virgem Maria quando trouxe a Cristo em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit* - e com as mãos, isto é, *super brachium*, e nas obras, imitando a mesma Senhora quando o teve em seus braços e a seus peitos: *Et ubera quae suxisti*.

CAPÍTULO 4

O que pregou o profeta Jeremias à triste cidade de Jerusalém, quando chorava suas calamidades. Os dois impedimentos certos por que os rezadores não são ouvidos: ou porque estão longe de Deus, ou porque, como mudos, só movem os beiços. Quais são os longes de Deus? Os dois instrumentos de falar do homem: a língua e o coração. Os homens de dois corações.

Isto é, devotos do Rosário, o que deverão fazer todos os professores deste santíssimo instituto; mas a causa de muitos o exercitarem com pouco fruto, muito temo que seja porque oram só com a boca, sem coração e sem mãos. Isto mesmo que eu tenho pregado, e pelos mesmos termos, pregou o profeta Jeremias à triste cidade de Jerusalém, quando chorava suas calamidades: *Consurge, lauda, surge, ora et obsecra* - lê o hebreu - *effunde sicut aquam cor tuum ante conspectum Domini; leva ad eum manus tuas pro anima parvulorum tuorum*: Ora, Jerusalém, a Deus - diz o profeta - e ora com o coração e com as mãos: com o coração prostrado por terra e com as mãos levantadas ao céu: *Effunde cor tuum et leva manus tuas* - e deste modo, e nesta postura, que é a mais própria para mover as entranhas de Deus, roga à sua divina misericórdia se compadeça da miséria de teus filhos. Assim o pregou o profeta, e o persuadiu em parte, mas com pouco ou nenhum fruto, e sem remédio. Por quê? Porque, ainda que faziam sacrifícios e orações a Deus, os corações e as mãos não estavam com ele. Ouçamos primeiro as queixas dos corações, e logo ouviremos as das mãos.

Populus hic labiis me honorat: cor autem eorum longe est a me. – Estas palavras disse antigamente Deus ao povo de Israel, por boca do profeta Isaías, e depois as repetiu Cristo por sua sagrada boca ao mesmo povo, e hoje, entre os cristãos, faz de nós a mesma queixa, e com maior razão. – Este povo - diz - louva-me com a boca, mas o seu coração está muito longe de mim. – Quem cuidara que da boca ao coração havia tão grandes distâncias! Deus está em toda a parte, e se os corações destes que louvavam a Deus só com a boca estavam longe de Deus, onde estariam? *Ubi eras cum me laudarent astra matutina, et jubilarent omnes Filii Dei?* - Quando os outros que louvam a Deus com a boca e com o coração estão entre os coros dos anjos: *Cum quibus et nostras voces* - tu, que

verdadeiramente o não louvas, e só falas com a boca, onde tens o coração? - Boa pergunta era esta para a fazerem a si mesmos, não os devotos, mas os rezadores do Rosário. Homem, que com o Padre-nosso e a Ave-Maria na boca, tão divertidos trazes os pensamentos, e mais divertidos os afetos, por onde anda o teu coração no mesmo tempo? É certo que anda lá por onde andava o Filho Pródigo, pastoreando pode ser o mesmo gado, e sem dúvida outro ou outros tão poucos limpos como ele. Quando o Pródigo saiu da casa do pai, diz a sua história que foi para uma região muito longe: *In regionem longinquam* (Lc. 15,13).- E que região e que longe é este? O pai é Deus, o Pródigo são os que têm perdido ou desperdiçado a sua graça, a região muito longe são as cidades, ou os desertos, ou os jardins, ou os bosques, ou os montes, ou os mares, ou os horizontes remotíssimos por onde, segundo as diversas inclinações e afetos, trazem divertido o coração do homem os vícios e os pecados, que só são os longes de Deus, e infinitamente longes. E como os corações estão tão longe, esta é a primeira causa por que as vozes da boca não são ouvidas, e vemos tão pouco aproveitados os que assim rezam.

A segunda causa é porque, ainda que a boca fala, e parece que fala com Deus, se o coração está longe dele, também está mudo. Mudo e longe, vede como será ouvido? *Quam multi sonant voce, et corde muti sunt*: Quantos há que soam com a voz, mas com o coração estão mudos - diz Santo Agostinho. – E notai que não diz o maior doutor da Igreja que estes tais falam com a voz, senão que soam: *Voce sonant*. – Entre o falar e o soar há grande diferença. O falar é próprio e natural do homem, o soar - como balar e mugir - dos brutos. E é lastima grande, que o rezar e orar de muitos, por ser só de boca, sem coração, seja tão alheio de todo o racional humano, que mais se pareça com o soar dos brutos que com o falar dos homens. Os homens, não só têm obrigação, por lei da natureza, de falar como homens, mas podem falar como anjos e como Deus. Como anjos, diz S. Paulo: *Si linguis hominum loquar, et angelorum* - como Deus, diz S. Pedro: *Si quis loquitur, quasi sermones Dei*. – E há alguns homens que sejam também obrigados a falar como anjos, e como Deus? Se alguns há, são os que professam rezar o Rosário, porque a Ave-Maria, pronunciada por S. Gabriel, são palavras de anjos, e o Padre-nosso, composto e ensinado por Cristo, são palavras de Deus. E homens que deveram falar como anjos e como Deus, que não cheguem a falar sequer como homens, porque as suas vozes são só de boca, e não de coração! Lástima é outra vez, não só grande, mas indigna da fé e da mesma natureza. Por isso Deus os não ouve, conclui o mesmo Santo Agostinho, e dá a razão: *Quia ad cor hominis aures Dei, sicut aures corporales ad os hominis*: Porque, assim como para os ouvidos dos homens se fizeram as vozes da boca, assim para os ouvidos de Deus as do coração. – Como o homem é corporal e espiritual juntamente, assim como Deus lhe deu dois instrumentos de ver, que são os olhos e o entendimento, assim o proveu também de dois instrumentos de falar, que são a língua e o coração: a língua para falar com os homens, e o coração para falar com Deus. Essa é a discreta energia com que

Davi repetia a Deus o que lhe tinha dito: *Tibi dixit cor meum*. – Não diz: Eu, Senhor, vos disse - senão: O meu coração vos disse: *Tibi dixit cor meum* - porque a Deus só o coração diz, e com Deus só o coração fala. E como o coração é o instrumento e a língua de falar com Deus, assim como os homens só ouvem o que diz a língua, e não entendem o que diz o coração, assim Deus só ouve o que diz o coração, e não atende ao que diz a língua. Daqui vem que, se o coração não fala, ainda que o homem diga cento e cinquenta vezes a mesma coisa, como diz quando reza o Rosário, para com Deus não diz palavra, e verdadeiramente está mudo: *Voce sonant, corde muti sunt*. – E estes são os dois impedimentos certos por que os que chamei rezadores não são ouvidos: Uma vez, porque estão mudos, e como mudos só movem os beiços: *Populus hic labiis me honorat* - e outra vez porque estão longe e muito longe de Deus: *Cor autem eorum longe est a me*:

Alegam, porém, ou podem alegar os que assim rezam que, ainda que os seus corações estejam longe de Deus, porque são pecadores, e o não amam de todo coração como deveram, contudo não rezam sem coração - porque nós - dizem - temos muito no coração a devoção da Virgem Santíssima e seu bendito Filho, e, senão com todo, ao menos com muito bom coração nos recomendamos em sua graça, e esperamos seus divinos favores. Assim o entendem e dizem, e deste seu dizer se segue que estes devotos do Rosário têm dois corações, como aqueles de quem disse o profeta: *In corde et corde locuti sunt* um coração que está longe, outro que está perto; um coração mudo, outro que fala; um coração que ofende a Deus, outro que se encomenda a ele. E que direi eu a esta réplica? Refere Plínio que as pombas de Paflagônia têm dois corações, e o profeta Oséias, falando da sua terra, faz menção de pombas sem coração: *Quasi columba seducta non habens cor*. – E na dúvida de dois corações, eu antes quisera homens sem coração que com dois, porque quem não tem coração não tem afeto, e quem tem dois corações pode ter afetos encontrados. Quem não tem afeto, nem obriga, nem ofende; quem tem os afetos encontrados, ofende e desfaz com um o que obriga com o outro. E tais são os afetos daqueles que, confessando, têm o coração longe de Deus, dizem, contudo, que quando rezam ou oram o fazem com muito bom coração. Mas diga-nos o mesmo Deus, e ouçamos de sua boca a resposta desta mesma instância.

Primeiramente, Deus, que formou o homem, e lhe sabe melhor a anatomia, não admite nele mais que um só coração, e por isso diz: *Cor autem eorum longe est a me*. Admitindo, porém, a suposição dos dois corações, que os homens inventaram, distinguem um do outro, não no mesmo, senão em diferentes sujeitos, desta maneira: *In ore fatuorum cor illorum, et in corde sapientium os illorum* (Eclo. 21,29): Os néscios – diz Deus - têm o coração na boca, e os sábios têm a boca no coração. – Não se pudera distinguir nem declarar melhor a diferença dos que oram de um e outro modo. Os que oram com o coração na boca são os néscios, os que oram com a boca no coração os sábios. Os

primeiros, néscios, porque toda a força das suas orações está na boca e nas palavras; os segundos, sábios, porque toda lhe sai do coração, e toda a põem nos afetos. Por isso estas orações são as ouvidas, e aquelas não: *Delectare in Domino, et dabit tibi petitiones cordis tui* (Sl. 36,4): Ponde os vossos afetos em Deus, e dar-vos-á as petições do vosso coração. – Do vosso coração - diz Davi - e não da vossa boca. Aos que oram e pedem com o coração ouve e despacha Deus suas petições, porque os seus afetos estão nele. E os que oram e pedem só com a boca saem escusados e sem despacho, porque os que haviam de ser afetos são somente palavras: *Populus hic labiis me honorati* - e porque saem só da boca, e não do coração: *Cor autem eorum longe est a me*.

CAPÍTULO 5

A oração desacompanhada e desassistida das mãos. O prodígio admirável da oração de Moisés em favor dos exércitos de Josué. A vara de Deus levada por Moisés ao monte, figura do Rosário. A pureza das mãos na carta de S. Paulo a Timóteo. Qual era o incenso de que falam Davi e Isaías. As timiamas oferecidas com mãos infeccionadas e impuras. O sangue que contamina as mãos.

Tão justamente se queixa Deus de faltar às nossas orações a doce assistência do coração. Agora veremos se é igualmente justificada a sua queixa por lhe faltar a forte companhia das mãos. Quando Josué, na jornada do deserto, se pôs em campo contra o poder de Amalec, que impedia aos filhos de Israel o caminho da Terra de Promissão, subiu-se também Moisés a um monte, para dali encomendar o sucesso da batalha ao Senhor dos exércitos, sem cujo favor não há vitória. Orava o grande profeta com as mãos levantadas ao céu, as quais, porém, pesadas com a carga dos anos, desfaleciam pouco a pouco, até que outra vez as tornava a levantar; e aqui sucedeu um prodígio admirável, porque neste subir e descer das mãos de Moisés - como se elas foram o compasso das armas entre um e outro exército - quando se levantavam prevalecia Josué contra Amalec, e quando se abaixavam, ou descaíam, prevalecia Amalec contra Josué: *Cumque levaret Moyses manus vincebat Israel: sin autem paululum remisisset, superabat Amalec*. –Agora pergunto: e quando as mãos de Moisés caíam, afrouxava ele também o arco da oração, e cessava totalmente de orar, ou orava menos intensamente? De nenhum modo. Sempre continuava e perseverava na oração com a mesma eficácia e com a mesma instância; antes, naturalmente, quando via do monte prevalecer o inimigo, então orava e implorava o socorro de Deus com maior aperto. Pois, se na oração não havia mudança, antes crescia e se afervorava mais ardentemente, por que não seguiam os efeitos as instâncias da oração, senão os movimentos das mãos? Porque tanto importa que as mãos acompanhem a oração. A oração desacompanhada e desassistida das mãos, ainda que seja a de Moisés, não consegue o que pretende, antes tem os efeitos contrários. Vede agora que fruto

se pode esperar do Rosário rezado sem mãos. Mas ainda não está ponderada a maior circunstância do caso.

Quando Moisés disse a Josué que saísse a pelejar contra Amalec, o que acrescentou foi que ele subiria a orar ao monte, levando consigo a vara de Deus: *Egressus, pugna contra Amalec: cras ego stabo in vertice collis, habens virgam Dei in manu mea*. Isto disse Moisés a Josué e a todo o exército, para os animar à batalha; e certamente não podia haver motivo de confiança que maiores espíritos lhes infundisse e maior valor lhes metesse nos corações, pois aquela vara era a mesma que no princípio da mesma jornada tinha desbaratado e vencido, com tantos prodígios, os exércitos de Faraó, e seus carros, e todo o poder do Egito, muito superior ao de Amalec. Mas quem era esta vara nomeadamente chamada no caso presente, não vara de Moisés ou Arão, senão vara de Deus: *Habens virgam Dei in manu mea?* - Esta vara de Deus era a Mãe do mesmo Deus, a Virgem, Senhora nossa, como o mesmo Deus depois declarou por boca de Salomão, dizendo: *Equitavi meo in curribus Pharaonis assimilavi te, amica mea*. – Assim entendem literalmente este texto Ruperto, S. Boaventura, S. Pedro Damiano, S. Efrém, e outros padres. Pois, se aquela oração, não só era de Moisés, senão assistida e patrocinada da poderosíssima proteção e amparo da Virgem Maria, como não bastou tudo isto para que suprisse a falta das mãos de Moisés quando afrouxavam ou descaíam? Oh! grande desengano e exemplo para os que rezam o Rosário sem mãos! Rezam sem mãos, e toda a sua confiança põem em que o mesmo Rosário é da Mãe de Deus, que tudo pode, e enganam-se muito enganados. Se as mãos de Moisés não acompanham a sua oração levantadas, mas a desamparam caídas, por mais que tenha consigo a vara de Deus, nem Deus ouvirá a oração de Moisés, nem a vara dará vitória a Josué, mas vencerá e prevalecerá Amalec: *Cum paululum remisisset manus superabat Amalec*.

E que mãos levantadas são estas, de que tanto depende a oração? Santo Agostinho o disse em três lugares: basta que refiramos um: *Per manus debemus opera accipere. Et quis bene manus levat? Ille utique qui implet illud Apostoli: levantes manus puras*: Assim como no coração dissemos que se entendem os afetos, assim nas mãos- diz o santo - se entendem as obras. E que obras? Aquelas das quais diz o apóstolo S. Paulo, que, quando oramos a Deus, levantemos as mãos puras. – Suposto que Santo Agostinho se refere, e nos remete a S. Paulo, fui buscar o texto, que é da primeira Epístola a Timóteo, e confesso que, quando o li, fiquei tremendo. Oh! quantos são os que rezam o Rosário, e quão poucos os que oram a Deus como devem! Exorta ali S. Paulo a todos, assim homens como mulheres - uns e outros nomeadamente - que façam instante oração a Deus com as mãos levantadas, advertindo, porém, e recomendando muito que sejam puras: *Levantes puras manus*. – E para serem puras as mãos dos que oram, que será necessário? Não declara o Apóstolo o que é necessário para serem puras, mas declara muito expressamente o que

basta para o não serem. Isto é o que me fez tremer, e deve confundir a todos os que porventura têm em mui diferente conta as suas contas. Vai o texto: *Volo ergo viros orare in omni loco, levantes puras manus sine ira et disceptatione. Similiter et mulieres in habitu ornato, cum verecundia et sobrietate ornantes se, et non in tortis crinibus, aut auro, aut margaritis, vel veste pretiosa, sed quod decet mulieres promittentes pietatem per opera bona* (1 Tim. 8 ss): Quero - diz S. Paulo- e eu vou construindo as suas palavras uma por uma ao pé da letra - quero que os homens orem em todo o lugar sem ira, nem contenda; e que do mesmo modo orem as mulheres, vestidas honestamente, e com sobriedade - o *cum verecundia* entendam-no em latim - e que não usem de cabelos torcidos com artifício, nem de ouro, nem de joias, nem de vestiduras preciosas, como é decente a mulheres que prometem piedade e boas obras. – Pois isto é, Apóstolo sagrado, cuja pena quando escrevia era movida e governada pelo Espírito Santo, isto é o que basta para as mãos que acompanham a oração não serem puras? Isto, e não diz mais. Eu cuidava que, falando S. Paulo dos homens, trouxesse aqui os homicídios, os roubos, os adultérios, e os outros pecados da primeira plana, e só fala na ira, nas contendas e emulações que pode haver sobre os lugares. E estes só defeitos, posto que tão ordinários, e que no conceito comum do mundo ofendem levemente a humildade e caridade, estes diz que bastam para impedir os efeitos da oração, e para que sejam impuras, nos olhos de Deus, as mãos que levantamos ao céu quando assim oramos. Também cuidava que, falando nas mulheres, trouxesse outros desmanchos de maior escândalo, e mais alheios da sujeição e recolhimento daquele estado, e só fala nas galas, no ouro, nas joias e nos enfeites da cabeça. E, posto que estes cuidados, como o mesmo apóstolo diz, não prometam muito siso nem muita piedade, e o uso lhes tem concedido tais privilégios, que mais escrúpulos causam à inveja que à consciência, contudo torna a insistir S. Paulo, com a mesma asseveração, que as mãos que nestas vaidades se ocupam verdadeiramente são impuras, e que as orações que pretendem subir ao céu oferecidas por tais mãos, de nenhum modo chegam lá, nem as admite Deus. Vejam agora cada um e cada uma das que rezam o Rosário se são mais puras e inocentes as mãos por onde o passam todos os dias.

E se estas impurezas de mãos, que parecem veniais, tanto ofendem a Deus e o desagradam, que serão as de outro peso tão diferente, que S. Paulo não nomeou, nem elas têm nome! Ouçamos aos dois profetas maiores, Davi e Isaías, que, com vozes ao parecer encontradas, maravilhosamente apertam este ponto e apuram esta impureza. Davi o que desejava e pedia para a sua oração é que ela subisse ao conspecto divino como incenso: *Dirigatur, Domine, oratio mea sicut incensum in conspectu tuo*. – Pelo contrário, Isaías, em nome do mesmo Deus, protestava que o incenso para ele era abominação: *Incensum abominatio est mihi*. – Pois, se Davi, para que a sua oração fosse agradável a Deus, desejava que subisse como incenso, como diz Isaías que o incenso que se oferecia a Deus lhe era abominável? Ainda creio que não percebeis perfeitamente a energia e

força de um e outro dito, porque poucos estareis bem informados de qual era o incenso de que ambos falamos. Aquele incenso não era o que entre nós tem o mesmo nome, e na língua latina se chama *thus*, mas era uma confecção preciosíssima de todas as espécies aromáticas mas esquisitas, a qual ardia e se exalava em suavíssimos vapores diante de Deus, e no altar chamado das timiamas se queimava e oferecia por mãos dos sacerdotes. Pois, se esta timiama - a qual também tinha sido instituída por Deus, com cláusula de que no seu templo fosse rito sempiterno - se era, digo, de tanto preço, de tanta suavidade e fragrância, e tão aceita e agradável à divina Majestade que não desejava Davi outra maior aceitação para suas orações, porque o detestava Deus, e abominava com tal extremo, que não só lhe chama abominável, senão a mesma abominação: *Incensum abominatio est mihi* (Is. 1,13)? - Não dissemos já que este incenso ou timiama era oferecido por mãos dos ministros do Templo? Pois esta era a causa de Deus o abominar tanto. Estes ministros, no tempo de Isaías, eram homens de muito má vida, avarentos, ambiciosos, soberbos, hipócritas, sacrílegos. E, posto que as espécies aromáticas de que era composto o incenso, fossem muito cheirosas em si, e de grande suavidade, contudo eram aborrecidas e abominadas de Deus, porque lhe cheiravam às mãos dos que as ofereciam. Não basta que as timiamas, os incensos e as orações sejam por si mesmas muito gratas a Deus, se as mãos que as oferecem forem viciosas, infeccionadas e impuras: *Sicut in coronis non satis est flores esse puros, nisi pura sit et manus eos contexens* - diz S. João Crisóstomo. E isto é que acontece às orações do Rosário, posto que as suas rosas sejam do cheiro mais celestial e divino. As espécies de que se compõe a confecção do Rosário são aquelas que nomeia, e de que se nomeia a mesma Senhora: *Sicut cinnamomum et balsamum aromatizans odorem dedi, quasi myrrha electa dedi suavitatem odoriss.* - O cinamomo são os mistérios gozosos, a mirra os dolorosos, o bálsamo os gloriosos, e, sendo esta timiama a mais preciosa e odorífera que pode inventar a sabedoria divina, se, contudo, for oferecida a Deus por mãos infeccionadas com vícios e pecados, de nenhum modo lhe será aceita e agradável, senão aborrecida e abominada, porque cheirá às mãos que a ofereceram.

E porque a metáfora do incenso ou timiama não faça dúvida, o mesmo Deus no mesmo lugar se declarou, como se falara conosco, pelo próprio e expresso nome de orações, e pelo próprio e expresso de mãos infeccionadas: *Cum extenderitis manus vestras, avertam oculos meos a vobis; et cum multiplicaveritis orationem, non exaudiam* (Is. 1,15): Quando levantardes as mãos a mim - diz Deus - eu voltarei o rosto, e apartarei os olhos de vós; e quando me fizerdes as vossas orações, por mais que as multipliqueis, não vos hei de ouvir. - E por que causa, Senhor, ou por que causas- que não podem deixar de ser muitas e grandes - um rigor tão extraordinário e tão alheio de vossa piedade *infinita? Manus enim vestrae sanguine plene sunt* (Is. 1,15): Porque as vossas mãos estão cheias de sangue. - Acaba de dizer que não há de

ouvir suas orações, e não põe o defeito nas orações, senão nas mãos. Não porque as vossas orações não sejam boas, pias e santas, mas porque as vossas mãos estão contaminadas de suas próprias obras, e cheias de sangue. Vejam agora lá muitos dos que trazem o Rosário nas mãos, e os mais poderosos - se é que o rezam - e, olhando para as suas mãos, examinem bem se pode Deus formar contra elas um semelhante libelo: *Manus enim vestrae sanguine plenae sunt*: Porque as vossas mãos estão cheias de sangue. – E de que sangue? Do sangue da vingança pública ou secreta; do sangue que derramou a espada ou a pena; do sangue que ainda vive dentro das veias, e já está destinado a correr delas; do sangue dos pobres, do sangue dos inocentes, do sangue dos que não têm quem os defenda; do sangue de tantos mártires quantos a vossa potência, quantos a vossa soberba, quantos a cobiça, quantos a vossa crueldade, quantos a vossa pouca fé, em comum e em particular, tem tiranizado e tiraniza. E cuidais que o Rosário, ou rezado ou trazido em tais mãos vos pode salvar? Enganais-vos que por isso fala Deus de tais orações, quais são no uso e modo de se rezarem as do Rosário somente, e nenhuma outras. Notai as palavras: *Cum multiplicaveritis orationem*: quando multiplicardes a oração. Nem a Igreja antiga multiplicava, nem na Igreja presente se multiplica a mesma oração, porque se não repete muitas vezes a mesma, mas sempre se varia. Os salmos antigamente todos eram diversos, e as orações hoje também são diversas, e só no Rosário se multiplica a mesma oração cento e cinquenta vezes: *Cum multiplicaveritis orationem*. – Assim que, resumindo e atando os dois discursos que dividi, ambos se unem com maior força com o primeiro, e todos três nos têm provado que a Mãe de Deus nos ensina, com seu exemplo, que o seu Rosário não se há de rezar só com a boca, senão com o coração e com as mãos. Com o coração, assim como a mesma Senhora trouxe a Cristo nas suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit* - e com as mãos, assim como o trouxe nas suas, e a seus peitos: *Et ubera quae suxisti*.

CAPÍTULO 6

A pureza de coração e a inocência das mãos tanto se requer para rezar bem o Rosário como para ir ao céu. As orações cheias de dolos e de enganos. Os que rezam o Rosário só com a boca. Supra a contrição o que até agora tem faltado à vida.

Só me podem dizer - e acabo com satisfazer a esta dúvida - só me podem dizer os interessados ou empenhados na devoção do Rosário, que parece rigorosa e dura condição esta para os que houverem de rezar como devem. Para ir ao céu não nos pede Deus mais que a pureza do coração e das mãos. Assim o mandou apregoar o mesmo Deus, e fixar este seu decreto universal em todas as quatro partes do mundo: *Domini est terra, et plenitudo ejus; orbis terrarum, et universi qui habitant in eo*. Este é o princípio e a prefação do decreto. Logo pergunta

quem são aqueles que da terra hão de subir ao céu, e permanecer lá eternamente: *Quis ascendet in montem Domini, aut quis stabit in loco sancto ejus?* - E responde o mesmo Deus, sem exceção de pessoa nem estado, que só hão de subir ao céu aqueles que tiverem o coração limpo e as mãos inocentes: *Innocens manibus et mundo corde* (Sl. 23,4).- Logo, segundo o que temos dito, tanto se requer para rezar bem o Rosário como para ir ao céu? Primeiramente, não é muito que se requeira tanto para subir pela escada como para entrar pela porta, antes o entrar é o fácil e o subir o dificultoso; e por isso diz o decreto: *Quis ascendet?* - Mas disto mesmo se colhe qual é a dignidade do Rosário. Para receber o Santíssimo Sacramento, que se requer? Estar em graça. E para ir ao céu, requer-se mais alguma coisa? Nenhuma. Grande é logo a dignidade daquele altíssimo Sacramento, que tanto se requer para o receber como para ir ao céu. E isto mesmo é o que devem inferir os devotos do Rosário, quando lhes pregamos que, para o rezarem como convém, é necessária a pureza do coração e a inocência das mãos. Não é condição dura, senão sublime; não é dura, senão admirável; não é dura, senão celestial e divina. E tanto mais divina quanto comparada. Pureza de coração e inocência de mãos para subir ao céu; pureza de coração e inocência de mãos para receber o Santíssimo Sacramento; pureza de coração e inocência de mãos para rezar como convém o Rosário: *Innocens manibus et mundo corde*.

Seja esta a primeira resposta em louvor grande do Rosário, mas a segunda, em igual confusão dos que sem esta disposição o rezam, é que o seu rezar não é rezar, nem o seu Rosário, Rosário, senão um dolo, um engano, e uma mera e expressa contradição de tudo quanto dizem a Deus, ou imaginam que dizem. *Exaudi, Domine, justitiam meam; intende deprecationem meam. Auribus percipe orationem meam, non in labiis dolosis* (Sl. 16,1): Ouvi, Senhor, a minha justiça, atendei às petições que vos faço, percebei a minha oração, porque a minha boca não vos fala com engano. – Estas palavras são de Davi, nas quais supõe que há orações justas e orações injustas; orações que ouve Deus, e orações que não ouve; orações a que atende, e orações a que não atende; orações que percebe e orações que não percebe. E para que Deus ouça e atenda e perceba a sua oração como justa, o que alega e representa é que, ainda que ora com a boca, não fala com dolo nem com engano: *Non in labiis dolosis*. – Pois, a Deus, que tudo vê, que tudo sabe, que nada se lhe pode encobrir nem dissimular, alega Davi que a oração da sua boca não tem dolo nem engano? Sim, porque muitas orações que saem da boca, se são só da boca, vão cheias de dolos e de enganos, com que queremos ou cuidamos que enganamos a Deus, e tão encontradas com o que oramos e pedimos que o mesmo Deus as não percebe. Tal é o Rosário rezado só com a boca, sem coração e sem mãos, sem afetos e sem obras. E se não, vede-o.

No Padre-nosso nomeamos a Deus como Pai: *Pater noster qui es in caelis*; na Ave-Maria, nomeamo-lo como Senhor: *Ave gratia plena, Dominus tecum* - e se a

estes nomes de Pai e Senhor não responde o coração e as mãos, o coração amando-o como Pai, e as mãos servindo-o como Senhor, tudo é dolo e engano. Ouvi a Deus pelo profeta Malaquias: *Filius honorat patrem, et servus dominum suum. Si ergo pater ego sum, ubi est honor meus? Et si dominus ego sum, ubi est timor meus* (Mal. 1,6)? O filho honra ao pai, e o servo ao senhor: e se eu sou pai, diz Deus, onde está o meu amor? Se eu sou senhor, onde está o meu temor? - Logo, se eu sou Pai e não me amais, e eu sou Senhor, e não me servis, dolo e engano é o chamar-me Pai, dolo e engano é o chamar-me Senhor: *In labiis dolosis*. – E se no Rosário rezado só da boca se acham estes dolos, não considerando os nomes com que nele invocamos a Deus, que será discorrendo pelas palavras verdadeiramente dolosas com que afetamos desejar sua glória, e muito mais naquelas com que lhe pedimos que nos dê o que não aceitamos nem queremos? Não é dolo dizer *sanctificetur nomen tuum* - quando tantos tomam seu santo nome na boca temerária e perjura, e muitos a blasfemam impiamente? Não é dolo dizer: *Adveniat regnum tuum* - quando tantos se alistam e servem debaixo das bandeiras do demônio, e acrescentam vassalos e escravos ao reino das trevas? Não é dolo dizer: *Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra* - quando tantos, e quase todos, não tratam mais que de fazer a própria vontade na terra, e, por um momento de gosto falso e torpe, se condenam a perder o céu por toda a eternidade? Desta maneira, como se pudéramos enganar a Deus, fingimos com a boca desejar sua glória e honra, quando não só a não desejamos nem procuramos, mas, como se não fora do Deus que nos criou e remiu, a desprezamos, e por tantos e tão insolentes modos lhe antepomos a nossa. E que direi do que pedimos para nós, em que os dolos e enganos são ainda mais palpáveis e manifestos? Pede a necessidade o pão nosso de cada dia, e que fé há tão comedida que se fie da Providência quotidiana de Deus, e não deseje e ajunte pão para mais dias e anos do que há de viver; ou que cobiça tão moderada, que o pão que chama nosso o não misture e amasse com o alheio? Pede o vingativo a Deus que lhe perdoe, assim como ele perdoa, e, se Deus o fizer assim, lhe tirará logo a vida e o meterá no inferno, onde ele meteria, se pudesse, os que tem por inimigos, e os persegue e abate, e mete debaixo dos pés em tudo quanto pode. Pede o desonesto que Deus o não deixe cair em tentação, e ele é o tentador que busca, solicita e compra as tentações, não duvidando perder por elas a saúde, arriscar a vida, e dar de contado a graça, que vale mais que a mesma glória. Finalmente, pede a Deus que o livre daquele mal que só é mal, e todo o mal, porque nos priva do sumo bem, e ele está tão fora de se querer livrar, que estima mais o cativo que a liberdade, e, por se deixar estar cativo e escravo do pecado, renuncia o resgate que o mesmo Deus ofendido lhe oferece, sendo o preço infinito de seu sangue. Este é o modo com que rezam o Rosário os que rezam sem pureza de coração nem inocência de mãos, e somente com a boca cheia de dolos e enganos: *In labiis dolosis* - e por isso mais dignos de ser aborrecidos, abominados e castigados por Deus, que de ser ouvidos.

Seja, logo, a conclusão de tudo, para os que se acham neste estado, o conselho e inspiração do Espírito Santo por boca de Jeremias: *Scrutemur vias nostras, et quaeramus, et revertamur ad Dominum.* – Examinemos nossas consciências, busquemos a Deus e convertamo-nos a ele; supra a contrição o que até agora tem faltado à vida; e com esta resolução digna de toda a alma cristã e que tem fé, que se conseguirá neste mesmo instante? Conseguir-se-á, acrescenta o profeta, que por este modo não só serão as nossas orações de boca, senão de coração e de mãos: *Levemus corda nostra cum manibus ad Dominum.* – E os que por mercê de Deus se acharem com esta mesma disposição, continuem e perseverem nela, porque, como bem diz S. Gregório Nazianzeno, em nenhuma ocupação se podem empregar nossos corações e nossas mãos, nem melhor, nem mais útil, nem mais necessária que em acompanhar as preces e orações com que recomendamos nossas almas a Deus, e lhe pedimos sua graça: *Non opus est manuum melius quam tendere caelo Castas, et toto jungere corde preces.* Mas o principal motivo de todos seja conformarem-se os devotos do Rosário com o exemplo da soberana instituidora dele, assim com o coração como com as mãos: com o coração, imitando a mesma Senhora, enquanto trouxe ao Filho de Deus em suas entranhas: *Beatus venter qui te portavit-* e com as mãos, enquanto o teve nas suas, e a seus peitos: *Et ubera quae suxisti.*

Projeto Livro Livre



Texto e Voz

www.poeteiro.com